

# TODAS AS ARTES



**REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA**

**ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE**



**Vol. 6, N. 2, Mai.-Ago. 2023**  
**ISSN 2184-38052**

# ESTÉTICA E POLÍTICA NO MOVIMENTO PUNK EM ARACAJU, BRASIL

## AESTHETICS AND POLITICS IN THE PUNK MOVEMENT IN ARACAJU, BRAZIL

## ESTHÉTIQUE ET POLITIQUE DANS LE MOUVEMENT PUNK À ARACAJU, AU BRÉSIL

## ESTÉTICA Y POLÍTICA EN EL MOVIMIENTO PUNK DE ARACAJU, BRASIL

### Letícia Galvão

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Aracaju, Sergipe, Brasil

### Frank Marcon

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Aracaju, Sergipe, Brasil

**Resumo:** Este artigo<sup>1.)</sup> tem como intuito discorrer sobre como a cena punk pode ser percebida enquanto um movimento que busca estabelecer linguagens de ação política através dos seus modos de fazer e de sua expressão estética. Considerando que a arte pode ser interpretada como um recurso de ativismo político, buscamos analisar como se desdobram as relações entre estética e política no âmbito da cena punk em Aracaju, capital do estado de Sergipe, no Nordeste brasileiro, bem como refletir sobre como o punk se estrutura enquanto um movimento simultaneamente político e identitário, como afirmam as análises de Guerra (2014, 2017, 2019, 2021) e outros autores. Os métodos utilizados foram a observação direta de eventos produzidos pela cena e a realização de entrevistas semiestruturadas com sujeitos associados ao punk na cidade. Dessa forma, a partir dos conceitos mencionados acima, buscamos analisar as novas conexões entre estética e política que se estabelecem na contemporaneidade global e as particularidades de suas reapropriações locais.

**Palavras-chave:** movimento punk, Aracaju, ativismo político, estética.

1.) Parte das reflexões presentes neste artigo são oriundas do texto da Dissertação de Mestrado em Sociologia de Galvão intitulado "A arma que eu tinha era fazer música: o movimento punk como estilo de vida e expressão política em Aracaju". A referida Dissertação foi apresentada e defendida em 6 de fevereiro de 2023.

**Abstract:** This article aims to discuss how the punk scene can be perceived as a movement that seeks to establish languages of political action through its ways of doing things and its aesthetic expression. Considering that art can be interpreted as a resource of political activism, we seek to analyze how the relations between aesthetics and politics unfold within the punk scene in Aracaju, capital of the state of Sergipe, in the Brazilian Northeast, as well as to reflect on how punk is structured as a simultaneously political and identity movement, as stated by the analyzes of Guerra (2014, 2017, 2019, 2021) and other authors. The methods used were the direct observation of events produced by the scene and semi-structured interviews with subjects associated with punk in the city. Thus, based on the concepts mentioned above, we seek to analyze the new connections between aesthetics and politics that are established in global contemporaneity and the particularities of their local reappropriations.

**Keywords:** punk movement, Aracaju; political activism, aesthetics.

**Résumé:** Cet article vise à discuter de la manière dont la scène punk peut être perçue comme un mouvement qui cherche à établir des langages d'action politique à travers ses manières de faire et son expression esthétique. Considérant que l'art peut être interprété comme une ressource pour l'activisme politique, nous cherchons à analyser comment les relations entre esthétique et politique se déploient au sein de la scène punk d'Aracaju, capitale de l'État de Sergipe, dans le Nordeste brésilien, ainsi qu'à réfléchir sur la façon dont le punk est structuré comme un mouvement à la fois politique et identitaire, comme l'indiquent les analyses de Guerra (2014, 2017, 2019, 2021) et d'autres auteurs. Les méthodes utilisées ont été l'observation directe des événements produits par la scène et des entretiens semi-structurés avec des sujets associés au punk dans la ville. Ainsi, sur la base des concepts mentionnés ci-dessus, nous avons cherché à analyser les nouvelles connexions entre esthétique et politique qui s'établissent dans la contemporanéité globale et les particularités de leurs réappropriations locales.

**Mots-clés:** mouvement punk, Aracaju, activisme politique, esthétique.

**Resumen:** Este artículo pretende discutir cómo la escena punk puede ser percibida como un movimiento que busca establecer lenguajes de acción política a través de sus formas de hacer y de su expresión estética. Considerando que el arte puede ser interpretado como un recurso para el activismo político, buscamos analizar cómo se desenvuelven las relaciones entre estética y política dentro de la escena punk en Aracaju, capital del estado de Sergipe, en el Nordeste brasileño, así como reflexionar sobre cómo el punk se estructura como un movimiento simultáneamente político e identitario, tal como se afirma en los análisis de Guerra (2014, 2017, 2019, 2021) y otros autores. Los métodos utilizados fueron la observación directa de eventos producidos por la escena y entrevistas semiestructuradas con sujetos asociados al punk en la ciudad. Así, a partir de los conceptos mencionados, se buscó analizar las nuevas conexiones entre estética y política que se establecen en la contemporaneidad global y las particularidades de sus reappropriaciones locales

**Palabras-clave:** movimiento punk, Aracaju, activismo político, estética.

## 1. Introdução

As múltiplas intersecções entre arte e política possibilitam que, a partir de um sentido socioantropológico, investiguemos como essa fusão ocorre em diferentes contextos e para diversos sujeitos sociais. A partir do período do pós-guerra, com a consolidação de um mercado de consumo juvenil protagonizado pelas mídias, bem como a partir do fenômeno contemporâneo da estetização do cotidiano (Lipovetsky & Serroy, 2015), a comunicação política e a ação coletiva estiveram associadas ao fazer estético em distintos contextos e lugares. Um desses contextos é a cena punk<sup>2.)</sup>, que se configura enquanto uma cultura urbana e juvenil que articula a música, a moda e as artes plásticas como veículos de protesto.

Escolhemos a cena/circuito<sup>3.)</sup> punk da cidade Aracaju, capital do estado de Sergipe, no Nordeste do Brasil, como objeto de estudo deste artigo em virtude de esta representar uma série de estilos de vida contra hegemônicos que desafiam lógicas de produção artística a partir do *ethos* faça-você-mesmo (Guerra & Straw, 2017) e da produção de materiais midiáticos que no presente se contrapõem a determinados sistemas de opressão, como o machismo, o racismo e a LGBTfobia. Também buscamos contribuir para uma crescente produção acadêmica em torno das cenas punks do Nordeste brasileiro, considerando a discussão posta por Bittencourt e Rocha Júnior (2018) sobre como o binarismo Norte/Sul - em termos globais - também se reflete nas discussões sobre o punk a partir da influência e das particularidades das dimensões urbanas e industriais das cenas constituídas no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil como padrão do punk no país.

Cabe destacar que as maiores cidades do Nordeste brasileiro, por um lado, foram se constituindo desde os anos oitenta em ambientes musicais efervescentes, com a hegemonia de estilos musicais regionais e suas variantes, como o forró, o samba, o sertanejo e o funk, mobilizando um consumo cultural de forma muito particular em torno de identidades associadas aos regionalismos e à cultura sertaneja e praiana; embora, por outro

---

2.) Neste artigo, utilizamos a noção de “cena” a partir das discussões estabelecidas por Guerra (2010), em consonância com as proposições de Will Straw (1991) e Andy Bennett (2004). A autora, ao citar Straw, afirma que uma cena pode ser entendida como “um espaço de concomitância de várias práticas musicais conservando graus diversos de distinção entre si” (Guerra, 2010: 445). Além disso, as cenas também “podem ser locais e translocais, constituindo-se como um espaço cultural que pode orientar associações estilísticas entre as pessoas num conjunto diversificado de espaços do dia-a-dia” (Guerra, 2010: 446). Dessa maneira, entendemos a cena punk de Aracaju como parte desse fenômeno.

3.) De acordo com Magnani (2005), um circuito seria um circuito seria um “uso dos espaços e equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos” (Magnani, 2005: 179).

lado, outras expressões estético-culturais fossem emergindo com o crescimento das cidades, associadas à música de circuito global, como rock, o hip-hop e o punk contracenando com os estilos musicais locais, diversificando e reposicionando os modos de fazer, de consumir e de entender a relação entre lazer e arte, bem como entre arte e política.

No primeiro tópico deste artigo, *A formação da cena punk de Aracaju*, abordaremos o processo de formação dessa cena e quais foram e são as suas principais características enquanto cultura urbana e juvenil. Em seguida, em *Identidades plurais e intergeracionais no punk*, discutiremos como ser punk também constitui uma narrativa identitária para os membros da cena, que os vincula e consolida nesse circuito. Posteriormente, no tópico *Estilo de vida e politização do punk em Aracaju*, iremos apresentar algumas das principais pautas de ação política dos punks na cidade, como novas modalidades de ação estético-política contemporâneas que atravessam diversos contextos sociais, como já estudado por Guerra e Straw (2017), Guerra e Menezes (2019) e Guerra e Dabul (2022).

## 2. A formação da cena punk de Aracaju

Podemos entender a cena punk como parte de um movimento estético e político mais amplo que eclodiu na década de 1980 em diversas partes do Brasil. Em Aracaju, ela pode ser identificada como uma cena musical *underground* que se opunha ao *mainstream* artístico local, como afirma Ribeiro (2010). Segundo o autor, “por essa época, começavam a se formar bandas de garagem que tinham na precariedade de recursos e na vontade de criar e se comunicar suas principais características.” (Ribeiro, 2010: 360). A partir de seus estudos sobre os estilos musicais na cidade, Ribeiro (2010) conceituou aquele movimento como Cena de Rock *underground* de Aracaju, ou simplesmente CRUA. De forma resumida, a CRUA pode ser interpretada como uma cena que abarca uma diversidade de circuitos musicais contra hegemônicos da cidade de Aracaju, que trazem uma forma de fazer música, de pensar a sociedade e de se posicionar no espaço público de forma distinta daquela dos estilos que hegemonizavam o gosto e o consumo cultural local, fazendo circular e reproduzir outra ordem estética e moral na cidade. Assim sendo, o punk de Aracaju surgiu circunscrito a uma cena *underground* mais vasta, em contato com influências de gêneros como o rock alternativo e o *heavy metal*.

É importante mencionar que o surgimento de bandas, eventos e pontos de encontro se deu em um contexto fortemente marcado pela ética/estética *do-it-yourself*, ou faça-você-mesmo, que, embora não seja um conceito exclusivamente punk, se constituiu enquanto uma moral punk para diversas cenas pelo mundo. De acordo com Guerra (2010: 129), o DIY se configurou como “um princípio e estandarte para a quebra das regras existentes, principalmente na música e na estética” que estruturou a maior parte das produções punks desde os anos 1970. Em Aracaju, por exemplo, surgiu a banda Sem Freio na Língua, cujo *frontman* era Silvio Campos, vocalista da atual banda Karne Krua - que teve seu início no final dos anos 1980 e conta com quase 40 anos de atividades ininterruptas. A loja Distúrbios Sonoros, e, posteriormente, a loja Lokaos, dirigida por Silvio, funcionaram como os primeiros pontos de encontro de punks e membros da cena *underground* local, assim como lugares

de acesso a materiais que não eram facilmente encontrados em outras lojas da cidade, como discos de gravadoras e bandas independentes. Tais espaços se tornaram lugares de gostos compartilhados, de troca, de informação, de comunicação, afeto e solidariedade entre membros da cena, ou seja, lugares de estéticas e éticas compartilhadas. Podemos pensá-los também como territórios de referência, que faziam parte dos circuitos que começavam a se constituir e a redesenhar a circulação de certos jovens com gostos “incomuns” pela cidade e que, cronologicamente, foram ganhando outros desdobramentos geracionais.

Ainda nos anos oitenta, começaram também a ser realizados alguns festivais de música, como o 1º Festcore de Aracaju, e alguns eventos independentes denominados de Clandestinos e que eram realizados em praças e outros locais da cidade, que contavam com diversas bandas punks surgidas em Sergipe. Silva (2011 e 2020), que estudou o que denominou de circuito *underground* em Aracaju, também identificou outros locais públicos e privados de encontro e socialização punks, como a Praça da Catedral e alguns bares e espaços culturais no centro da cidade. Ao associarmos essas táticas de ocupação urbana com o crescimento de um circuito de produção e de consumo *underground*, podemos entendê-las como parte de um fenômeno de difusão do punk em um contexto ainda hostil a essas modalidades de culturas juvenis na década de 1980. Além da constituição de locais de referência de tal circuito, foram surgindo diferentes *fanzines* no âmbito do *underground* aracajuano, que circulavam entre os frequentadores destes espaços, como: Escarro Napalm (que hoje assumiu o formato de um blog responsável por preservar a memória do rock sergipano), Boca Quente, Cabrunco Zine, Centauro sem Cabeça, Seduções Ecológicas, Clube do Ódio e *fanzines* que se autodenominavam punks, como o Buracaju, produzido por Silvio Campos (ver Figura 1).



**Figura 1: Fanzine Buracaju**

Fonte: Blog Escarro Napalm. Disponível em: <http://escarronapalm.blogspot.com/2011/03/dossie-rock-sergipano.html>

A partir dos anos 1990, novos atores e novos eventos começaram a se integrar à cena. Alguns deles formaram bandas como: Cleptomania, Sublevação (ver Figura 2), Lecktospinoise, Revolta Suburbana, AIDS, Retirantes, Gangrena Social, Logorréia, Olho por Olho, Lipofrenia, Refugio e outras. Alguns grupos já inseridos no circuito punk local, como a banda Karne Krua, seguiam ganhando visibilidade a partir da produção de eventos e de músicas, *demos* e EPs. Foi também nos anos noventa, que, para além do consumo e da produção de zines, houve o nascimento de uma cena punk musicalmente autóctone; a música e as bandas punks ganharam um fazer local, como ocorreu em diversas cenas ao redor do país e do mundo (Guerra, 2010; Bennett, 2006). Desde então, o DIY se tornou mais visível e se projetou de forma mais agressiva como expressão estética e política local, bem como passou a criar particularidades próprias em termos de denominação das bandas, das formas de estar e de ocupar a cidade, fazendo parte das experiências de lazer, da criação artística e da expressão política dos jovens oriundos de classes sociais de trabalhadores da indústria, do comércio, do setor terciários e filhos de donos de pequenos negócios.



**Figura 2: Show da banda Sublevação na década de 1990**

Fonte: Blog Escarro Napalm. Disponível em: <http://escarronapalm.blogspot.com/2011/03/dossie-rock-sergipano.html>

Os anos 2000 também contaram com uma efervescente produção de bandas, discos e eventos na cena punk aracajuana. Nesse período foram formadas bandas como *The Renegades of Punk*, Rever, Triste Fim de Rosilene, Iconoclastia, *Demonkrätzie* e VHC, e seus shows eram realizados em locais como Cultart, Mahalo, ATPN, e em outras praças e locais da cidade. Quando fora retomada a ideia de realização das novas edições dos eventos denominados de Clandestinos, como os que ocorreram na década anterior. Ou seja, embora outras pautas como o antiespecismo, protagonizado pelo movimento *straightedge*, e o feminismo passassem a emergir com maior visibilidade a partir daí, marcando uma mudança geracional na cena, algumas práticas de ocupação da cidade e certas expressões estéticas atravessaram pelo menos duas décadas, ainda que diante de outros temas políticos.

A partir dos anos 2010 e 2020, novos atores passaram a compor a cena e organizar discos, EPs, eventos públicos e festivais, como os coletivos Estaca e Macacore e as bandas Ideal HC, *Zeitgeist*, *No Regrets*, ao mesmo tempo em que bandas já consolidadas (como Karne Krua e *The Renegades of Punk*) seguiram com suas produções. Além disso, a partir da ascensão das novas mídias digitais, emergiram novas modalidades de ativismo e produção artística através de recursos como *softwares* de edição de imagem e os encontros, as festas e os eventos passaram a ser amplamente divulgados através de redes sociais como MySpace, Bancamp, Facebook e Instagram.

Se por um lado, uma certa estética e ética *underground* (Silva, 2011, 2020) se foi constituindo como referência punk em Aracaju, outras formas de produção cultural, outras formas de circulação dessa produção e outras pautas políticas foram surgindo como modos distintos de ser e de fazer (Certeau, 1998) que se transformaram geracionalmente. Essas distinções devem ser vistas como algo que transcende um sentido meramente cronológico, embora também se estruturam a partir de marcadores temporais - como as lojas de discos, os *fanzines* em papel e as fitas K7, que deram lugar aos CDs, depois pendrives e blogs, e mais recentemente se utilizam de outros suportes audiovisuais, aplicativos, redes sociais, plataformas de *streaming* e nuvens on-line, reinventando os modos de fazer a partir de outras ferramentas e suportes.

Ainda assim, continuam sendo formas de atuar a partir do *ethos do-it-yourself* produzindo conteúdo digital (como *fanzines* feitos a partir de programas como Tumblr, Adobe Photoshop e PicsArt) e promovendo encontros (como o lançamento do livro *Paternagem Punk*, em 2023), festas e shows auto-organizados em espaços públicos e privados da cidade (como os eventos *Hardcore Contra o Fascismo e Clandestino*). A partir desse conjunto de atividades, a cena punk de Aracaju se estruturou como um espaço de coexistência de múltiplas práticas que têm como princípio comum o estilo de vida punk, mesmo quando permeado por uma cena *underground* mais ampla, e suas respectivas visões de mundo, atravessando e reunindo gerações.

### 3. Identidades plurais e intergeracionais no punk

Atualmente, a cena punk de Aracaju conta com a atividade de bandas formadas nas décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010. A mais longeva delas segue sendo a banda Karne Krua (ver Figura 3), que se tornou uma peça fundamental para a consolidação da cena na cidade, produzindo eventos e comparecendo a shows em locais que se configuram e reconfiguram como pontos de encontro como o Taberna Rock Bar e a loja *Freedom*. Também há continuidade na produção de *fanzines* como o *I Wanna Be Yr Grrl Zine* e de eventos a partir do Coletivo Estaca Produções e do Movimento Macacore.

Nesse sentido, levantamos algumas discussões sobre como se dá o processo de construção da identidade punk para os indivíduos associados à cena, ainda que diante de certos distanciamentos e atravessamentos geracionais. As identidades ou, como preferem Marcon



**Figura 3: Show da banda Karne Krua em 2022**

Fonte: Letícia Galvão, 2022.

e Ennes (2014), os processos identitários, são fenômenos sociais que se constituem processualmente no curso da vida social e a partir de certos contingenciamentos associados a contextos sociais, espaciais e geracionais, a partir das experiências relacionais dos sujeitos mediadas por signos e através das quais os sentidos de identificação ou diferenciação vão emergindo, se transformando ou se consolidando através de certos marcadores sociais mobilizados em certas relações de poder e a partir de interesses que se tornam coletivos. Deste modo, as identidades sociais podem ser atravessadas por tendências estéticas e modos de ser e de estar no espaço público, como visto desde os *Cultural Studies* (Hall & Jefferson, 2003). Além disso, como posto por Guerra:

Numa época de crescente flexibilização econômica e social, é de esperar que os processos de construção identitária acompanhem de alguma forma as principais tendências societais da contemporaneidade. A paisagem multifacetada da cultura pós-modernista, feita de múltiplas expressões e múltiplas referências, encontra expressão numa paisagem ontológica também ela plural. Ao contrário das sociedades pré-modernas, onde as identidades se estruturavam em torno de referências e tradições comunitárias unívocas, nas sociedades contemporâneas assistimos a uma progressiva diversificação e complexificação dos processos de construção identitária. (Guerra, 2010: 444).

Para alguns de nossos interlocutores, a identificação com o punk começou na maior parte das vezes no período da adolescência, fase da vida na qual as experiências dos sujeitos se afastam do ambiente familiar e são compartilhadas mais intensamente entre pares etários, através dos quais e com os quais passam a ocorrer aproximações e diferenciações relacionadas a gostos compartilhados, em contraponto com alguma construção idealizada de alteridade com relação à família como alheia a este novo mundo de socialização. Em tal fase da vida, os sujeitos entram em contato com novas referências que acabam por compor a construção de gostos específicos, associados ou não a certas culturas juvenis.

Abaixo trazemos alguns relatos extraídos de entrevistas que realizamos, de Luiz Eduardo, vocalista da banda *Demonkrätzie*, e de Larissa Oliveira, artista visual responsável pelo fanzine *I Wanna Be Your Grrrl*. O primeiro interlocutor apontou que:

O posicionamento e o modo como eu via o mundo veio a ascender mais aos 16, 17, 18 anos. Esses três anos foram assim, mais pesados, né, porque separação de pai é um negócio meio doloroso, independente da forma que seja é chato, né? Então eu meio que criei uma família ali em torno do punk, do straightedge na época, e era um espírito de fraternidade e sororidade muito grande entre a gente, então os meus amigos que na época me acompanhavam, a gente acabava se envolvendo muito, então era meio que um coletivo, eu vivia mais com eles que com minha própria família, então era basicamente isso. (Entrevista com Luiz Eduardo Costa, 33 anos, 2022).

O segundo relato também demonstra como o primeiro contato de Larissa com o punk foi um processo marcante em momento específico do curso de sua vida:

Sobre minha inserção no punk, foi assim: ainda morando em Itabaiana, nos meus 15 anos, eu assisti a um especial da TV Cultura chamado As Sete Eras do Rock e aquilo me revolucionou. [...] Houve essa identificação, e eu tava realmente nesse processo de busca por identificação, porque até então eu era uma menina muito introvertida e eu não sabia como me expressar, eu me sentia muito quieta, na minha, e tal - e ainda mais por morar em Itabaiana, que é um lugar muito conservador, então qualquer coisa que você fizesse fora da curva você seria julgada, muito mais por eu ter sido criada em uma família muito católica, então os dogmas religiosos foram impostos a mim desde cedo. (Entrevista com Larissa Cardoso, 27 anos, 2021).

Com base nas colocações postas acima, entendemos melhor como as identidades são processuais e por isto relacionais, dinâmicas, fluidas e que adquirem valor e sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são acionadas e são representadas pelos sujeitos (Woodward, 2014). Dessa forma, as fases da vida descritas pelos interlocutores como conflituosas e a construção de um senso de pertencimento a uma coletividade que os valide podem ser consideradas estratégias de identificação com uma forma de ver o mundo reconhecida por outros sujeitos que compartilham dos mesmos signos e gostos, e consideram atravessar uma fase da vida compartilhada como turbulenta.

Nesse contexto, é importante frisar que a estética punk passou a ser constituída por um sistema simbólico a partir do qual jovens de diferentes gerações foram aderindo a um modo de ser, entender e praticar a contracultura. Woodward (2014) pontua que “os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados” (Woodward, 2014: 20). O que é mais evidente quando o punk, enquanto estilo, se torna ícone de contracultura para os seus adeptos de qualquer geração, como posto a partir dos relatos de outros de nossos interlocutores, como citados abaixo:

Para mim não é só música, não é só produção cultural: é uma contracultura. A gente tá descolado da cultura hegemônica, a gente faz outra coisa, a gente cria um outro ambiente, com outros valores, a gente tenta romper com várias coisas que a gente acha nocivas da sociedade, do “sistema” (Entrevista com Daniela Rodrigues, 40 anos, 2022).

Até porque o punk não acaba sendo só um movimento musical, né? Acaba sendo uma coisa de contracultura, então tinha essa questão estética, de você ter o cabelo, usar uma roupa diferente, e as pessoas na rua apontavam o dedo pra você e falavam coisa, e até hoje isso acontece de certa forma. (Entrevista com Afonso Ramalho, 33 anos, 2022).

A noção de contracultura, além de estar presente no repertório dos entrevistados, como discurso sobre a identidade do ser punk, também faz parte de diversas discussões no campo dos estudos sobre juventudes e mobilização política. De acordo com Foracchi, (2018: 18), a contracultura “corresponde a uma representação intelectual incipiente, sem estrutura

definida, sem ideologia clara, a não ser a contida afirmação de uma anti-ideologia, mas que, como perspectiva, é pura criatividade”. Embora, em contraste com as formulações da autora, o punk assuma essa definição ao mesmo tempo em que apresenta um sistema ideológico concreto, é possível aproveitar suas discussões em torno do tema na medida em que “a concepção de contracultura é essencialmente política na medida em que os efeitos sociais da exacerbação da criatividade e da busca de novas formas de expressão repercutem sobre o sistema com modos de contestação” (Foracchi, 2018: 18).

Durante as entrevistas, uma das perguntas que fizemos aos entrevistados se referia ao que significa, para eles, ser punk. Recebemos respostas que interagem com diversos fatores, como questões de gênero, raça e classe, mas um dos fatores foi comum a todos os interlocutores: a ideia de que o estilo de vida punk envolve uma postura de contestação ética, estética e política - ou, nas palavras de um dos entrevistados, o ato de “desobedecer”. Abaixo, trazemos alguns relatos que nos ajudam a entender tais motivações:

Cara, [ser punk] é ser do contra. É justamente tentar ter uma vivência, uma vida, uma relação com as outras pessoas, com o mundo, divergente, assim, sabe? Por isso que eu brinco que é ser do contra. Como a gente sempre fala, como eu falei aqui algumas vezes: a gente chama de subterrâneo, de esgoto, pra falar justamente de uma coisa que tá à margem, que tá separado, a gente faz parte, obviamente, da sociedade, a gente foi socializado assim, mas é justamente esse movimento de romper com isso, de achar outras formas de viver. Talvez até uma coisa romântica de buscar autenticidade nas coisas, de buscar relações, sejam de trabalho, de amizade, ou até de família, que sejam construídas em torno ou embasadas em outros valores, sabe? Não necessariamente o sucesso como a gente aprende a ter ou a almejar na sociedade, ou a se conformar, se resignar com as coisas, é justamente questionar, fazer as coisas diferente, ir por um outro caminho, o caminho mais torto. (Entrevista com Daniela Rodrigues, 40 anos, 2022).

Eu sou uma pessoa negra vivendo num mundo branco. E sou um homem vivendo num mundo onde não existe essa subjetividade de ser homem e ser negro, porque eu não sou nem visto como humano. E pra mim ser punk é dizer não. Dizer não pro que eu acho errado pro que eu acho errado e pro que me violenta. Pra mim ser punk é esse ato de desobedecer. E lidar com as consequências dessa desobediência. E desobedecer a si mesmo, também. Não só ao mundo, não só as outras pessoas, não só ao status quo, e as outras coisas, mas a si mesmo. A olhar pra si mesmo tipo assim: “eu não gosto disso em mim, então eu vou desobedecer a mim”, sabe? Acho que a coisa do punk tá muito ligada a isso pra mim, e é nisso que eu me identifico com o punk, isso que eu enxergo o punk, é por isso que eu gosto de punk e é por isso que eu me vejo como punk. (Entrevista com Afonso Ramalho, 33 anos, 2022).

Entre os associados ao punk há uma conduta de oposição a estruturas desiguais de poder, como foi possível identificar a partir dos relatos acima, que se manifesta a partir de formas específicas de se posicionar frente a normas sociais pré-estabelecidas; o que se torna perceptível na entrevista com Afonso, que frisa que “ser punk é dizer não”, e que se refere a um posicionamento sobre a ordem estrutural de poder em termos globais, mas também locais. Os sentidos da identidade punk ultrapassam o território da estética e da visualidade e são incorporados como uma forma de ser e estar no mundo, como é possível percebermos também no relato de Sílvio:

Pode ser que hoje eu não seja um cara visualmente punk, mas a minha ideia é muito punk e eu vou levar isso comigo, porque foi o punk que me tornou uma pessoa bem melhor, como agir, como entender as pessoas, até pra entender quando as pessoas me machucam, eu sou um cara que tento lidar com isso, perdoar, pensando sempre no próximo, assim, e tal, tenho vários exemplos disso e vivo, como eu disse antes, me desconstruindo diariamente para não cometer erros tais que já critiquei com música, com letras, com posturas em shows, em escritos que eu fiz, em letras que eu escrevi, entendeu? Isso é uma luta diária minha, me desconstruir e fazer uma revolução dentro de mim mesmo. (Entrevista com Sílvio Campos, 58 anos, 2022).

O sociólogo Andy Bennett (2006) observa que, devido às exigências da vida "adulta", como empregos estáveis e a dedicação à vida familiar, a visualidade “espetacular” própria do estilo punk pode ser deixada de lado por alguns sujeitos, embora estes mantenham certa ética em suas práticas. Ao contrário dos punks mais jovens, os mais velhos passam a afirmar que a identidade punk se torna algo mais subjetivo, uma maneira de ser e estar no mundo permeada mais por um *ethos* (Guerra, 2017) do que por uma expressão estética.

Dessa forma, a identidade punk pode ser entendida como um conjunto de ideias relacionadas às visões de mundo construídas desde os primeiros segmentos do movimento nos anos 1970, que podem ou não sofrer alterações de acordo com a cena analisada. Essa identidade também pode ser interpretada como “subversiva” na medida em que se contrapõe a padrões estéticos de vestimenta, comportamento e mesmo de ocupação dos espaços públicos da cidade. Sobre essa questão, Guerra e Dabul (2022) afirmam que:

A subversão, tornada uma nova forma de conscientização pragmática, é o que opera a produção de identidades e práticas de reconfiguração comunitárias (Guerra, 2022b), dito de outra maneira, as dissidências são núcleos tanto de enfrentamento quanto de escape, territórios nos quais se germinam possibilidades outras, onde simultaneamente se confrontam as normas e se consolidam as infiltrações para sua mudança. Pensar os transbordamentos nesse sentido, é pensar também a própria ampliação no fazer científico de modo que este possa acomodar os processos de sofisticação dos fenômenos culturais e a cartografia dos trânsitos que perfazem essas passagens epistêmicas (Guerra, 2023). (Guerra & Dabul, 2022: 5).

Podemos inferir, portanto, que as estéticas do punk são subversivas e contraculturais como princípio de reação às formas hegemônicas de produção e consumo cultural, mesmo atravessando gerações e diferentes regiões do globo. Além disso, suas formas são dinâmicas, localmente situadas e particularmente experimentadas, como vimos em Aracaju, e constituídas de uma semântica de identificação marcadamente mais contracultural do que geracional.

#### 4. Estilo de vida e politização do punk em Aracaju

Além de uma matriz de reconstrução identitária (Guerra & Straw, 2017), pudemos perceber que o punk assumiu e segue a assumir um caráter de manifestação e posicionamento político. Essa politização, como visto por Ribeiro (2010) ao apontar a inclinação de algumas bandas locais à militância anarquista, pode ser identificada desde os primeiros anos do punk em Aracaju. Atualmente, as pautas mais levantadas por seus membros ativos são o anti-especismo, o antifascismo e o feminismo, a partir de uma perspectiva anarquista. As primeiras intersecções entre o movimento punk e o anarquismo na capital de Sergipe, datam do final dos anos 1980 e do início dos anos 1990, a partir da formação de grupos de ação anarquistas, como relatado por Silvío, da banda Karne Krua, que detalhou as ações desses grupos durante a entrevista:

Era eu e mais algumas pessoas, uns ligados a banda e outros não. Foi um período em que tinha muito movimento anarcopunk, e também por uma postura que a gente tinha que fazer música é muito legal, letras punks, e tal, e fazer algo a mais. A gente fazia panfletagem em dia de 7 de setembro contra a corrida armamentista, fazia no Dia da Terra, e várias datas importantes como a questão da bomba atômica, de Hiroshima e Nagasaki... a gente sempre fez manifesto dia primeiro de maio, sempre tinha manifesto. Até quando eu não fiz, tinha outras pessoas que faziam. Shows com atos, pra lembrar o primeiro de maio e tudo mais... e a gente se juntou, teve um período em que chegou a ser oito ou dez pessoas, fazíamos reuniões, tinha pauta de discussão sobre agrotóxicos, a gente tava sempre tentando estudar alguma coisa pra entender, pra não ficar uma coisa superficial, né? Tinham alguns encontros aqui, tinham vários coletivos, publicações de gente ligada ao punk, foi um período legal. (Entrevista com Silvío Campos, 58 anos, 2022).

Além disso, a relevância do anarquismo como práxis punk permaneceu com o passar das décadas, como é possível constatar a partir do relato do interlocutor Afonso, que teve seu envolvimento com a cena a partir dos anos 2000, como diz abaixo:

Eu sou anarquista e participei de um grupo anarquista por um tempo, enquanto ele existiu. [...] Primeiramente a gente conversava sobre e tinha uma pauta bem propagandista, de falar o que é anarquismo e ter roda de conversa sobre. Acho que a maioria das coisas que a gente fez foi isso. Na verdade o coletivo acabou nascendo e surgindo muito por conta disso, de pessoas que a gente conhecia que vinham perguntar o que era anarquismo,

e não entendiam direito o que era, e por conta disso a gente se juntou [...] pra ter umas rodas de conversa, de falar sobre e de conversar com essas pessoas que tinham interesse em saber o que era, e basicamente foi isso, assim. As ações que a gente teve foram de propaganda do anarquismo, além de participar de atos de rua que aconteceram na época. (Entrevista com Afonso Ramalho, 33 anos, 2022).

A aproximação com as causas trabalhistas também foi e é uma constante na cena punk de Aracaju há muitos anos. Até 2019, a banda Ideal HC realizava shows públicos anualmente no dia primeiro de maio, na Praça da Bandeira (localizada no Centro da cidade). Afonso, que faz parte da banda, descreveu o processo de organização dos shows: “a gente chegava lá mais cedo, pra limpar o lugar, pra limpar tenda, pra montar som, pra ligar tudo, convidar pessoas, ambulantes que fossem vender alguma coisa lá, também, isso acabava agregando outras pessoas, e sempre foi assim.” (Afonso Ramalho, 33 anos, 2022).

Além disso, cabe mencionar a relevância das manifestações antifascistas. Assim como o anarquismo, o antifascismo também conta com uma trajetória ideológica longa dentro da cultura punk, sendo um tema constantemente retratado em produções artísticas, manifestações e ocupações políticas. Quando entramos em contato com os membros da cena punk de Aracaju, percebemos que tal pauta era considerada uma luta imprescindível para todos os entrevistados. Além disso, foi o tema principal do evento *Hardcore Contra o Fascismo* (ver Figura 4), realizado em 2018, por algumas bandas de *Hardcore* e hip hop, no centro de Aracaju, nas vésperas das eleições presidenciais, como forma de manifestação contra a ascensão do então candidato Jair Bolsonaro<sup>4.)</sup>. O evento, além de atrações musicais, também contou com aulas públicas sobre anarquismo e autogestão e sobre os ataques à educação pública que ocorriam naquele momento.



**Figura 4: Flyer do evento Hardcore Contra o Fascismo**  
Fonte: arquivo pessoal Letícia Galvão

4.) Em 2018, Jair Bolsonaro foi eleito e o seu mandato durou de 1 de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022. Bolsonaro tornou-se internacionalmente conhecido por suas orientações políticas voltadas a ideais de extrema-direita.

Além das pautas citadas acima, a partir do início dos anos 2000, o antiespecismo também se tornou um tema debatido e veiculado no âmbito da cena punk de Aracaju. O movimento *straightedge*, que foi idealizado por jovens de Washington, D.C., ganhou adeptos e trouxe a relação entre a pauta antiespecista e o punk, problematizando também o consumo de drogas dentro do movimento<sup>5.)</sup>. O antiespecismo é um movimento político que visa alcançar a igualdade interespecies, e seus principais mecanismos de ação são o vegetarianismo e o veganismo - que consistem em não consumir, através da vestimenta e da alimentação, produtos de origem animal, bem como praticar e estimular o boicote a empresas e/ou organizações que realizam algum tipo de exploração animal. Nesse sentido, tais práticas também se tornam estilos de vida, na medida em que constituem visões de mundo específicas sobre as relações humano/não humano e exercem uma influência direta nos corpos dos sujeitos que optam por eles.

Em entrevista concedida à autora do presente artigo, a interlocutora Daniela - que participou das bandas Triste Fim de Rosilene, *Lily Junkie*, Rever e é guitarrista e vocalista da banda *The Renegades of Punk* há cerca de quinze anos -, relatou como o movimento *straightedge* e as pautas antiespecistas estiveram presentes na sua formação enquanto punk e socióloga:

Quando eu entrei nesse submundo mais underground do punk rock, fui conhecendo essas temáticas, do vegetarianismo, veganismo, *straightedge* foram fazendo muito sentido pra mim, foram coisas que eu fui me alinhando, e aí, rapidamente, também, eu me identifiquei com isso. Comecei a me identificar como vegan, como *straightedge*, foi bem na época dessa banda pós-Lily Junkie, do Triste Fim de Rosilene, que foi a época em que eu entrei em Sociologia, eu tava tipo, com sangue no olho, achando que ia mudar o mundo fazendo Sociologia. (Entrevista com Daniela Rodrigues, 40 anos, 2022).

Dessa forma, o antiespecismo/veganismo também se insere como mais uma das modalidades de mobilização política da cena punk de Aracaju, ao lado de temas como o antifascismo e o anarquismo.

Como já discutido neste artigo, o movimento punk teve seu início na metade dos anos 1980 na cidade de Aracaju, sendo protagonizado pelo surgimento da banda Karne Krua e com a chegada de discos de bandas do exterior ao estado. Entretanto, a cena se constituiu, nas suas primeiras décadas, quase que completamente por homens; as poucas mulheres contrastavam com a hegemonia masculina naquele contexto. A partir dos anos 2000, mais mulheres buscaram se inserir na cena a partir da formação de bandas (Como *The Jezebells*, Triste Fim de Rosilene, VHC, *The Renegades of Punk*), da confecção de *fanzines* e da

---

5.) O livro "Sóbrios, firmes, e convictos: Uma etnografia dos *straightedges* em São Paulo" de João Bittencourt, é uma referência para os estudos sobre o estilo de vida *straightedge* e suas intersecções com o punk no Brasil. Nele, o autor traz uma ampla discussão sobre a origem do movimento e os seus principais fundamentos.

organização de eventos, de forma a se contrapor à ideia de que o punk seria uma cultura urbana protagonizada por homens.

Atualmente, a presença feminina pode ser percebida a partir de várias modalidades de produção artística, como a música, a produção de *fanzines* e de eventos em Aracaju (Barros; Galvão, 2023)<sup>6.</sup>). Algumas dessas atividades incluem eventos como *Ativa Cena*, *Clandestino* e *Hardcore Contra o Fascismo*, que tiveram mulheres à frente das suas organizações. Também é importante citar o programa de rádio *Cidade das Mulheres*, no ar de 2021 a 2023, e o *fanzine I Wanna Be Yr Grrrl*, que buscou dar destaque à falta de reconhecimento das mulheres no campo artístico, bem como ao debate sobre questões como a ausência de oportunidades às mulheres em diferentes áreas e a violência de gênero. É importante mencionar que o *I Wanna Be Yr Grrrl Zine* é publicado de forma bilíngue, o que possibilita a integração de parte da cena aracajuana com redes de comunicação punks locais e globais (Galvão, 2023).

## 5. Considerações finais

Como já posto durante o artigo, o primeiro contato que estabelecemos com membros da cena nos levou à construção de uma rede de relações com outros membros, que por sua vez nos trouxeram mais questões associadas ao punk enquanto estilo de vida e ativismo político. Com isso, pudemos ter um vislumbre do que o punk representou (e segue a representar) para distintas gerações através de suas respectivas produções artísticas, e de como, aliadas às transformações tecnológicas do novo milênio, essas produções engendram novas formas de se manifestar politicamente no espaço público.

Antes de concluirmos, há alguns fatores que merecem ser destacados em relação ao punk em Aracaju: a) a materialidade artística, que atravessou distintas gerações com estratégias semelhantes - mesmo que os meios de expressá-las sejam outros - e sobreviveram em sua dimensão lógica do fazer, como foi possível constatarmos a partir das músicas e dos *fanzines*; b) a presença do seu aspecto político em um contexto urbano marcado por outras cenas musicais e culturais hegemônicas, que resistiu e resiste como possibilidade de linguagem e de agência contraculturais em termos consumo e de posicionamentos ideológicos; e c) a sua abrangência intergeracional (Galvão, 2022) de longa duração - que pode ser um fenômeno interessante a ser observado em outros contextos, como a permanência e as transformações no *ethos do-it-yourself* e nas formas de sua derivação em outros estilos juvenis através dos quais possam vir a se manifestar.

Dessa forma, podemos inferir que na cena punk em Aracaju, assim como em outros contextos, a arte e a política se entremeiam a partir de uma partilha do sensível (Rancière, 2020), atravessando territórios como a música, as artes plásticas, a moda e a produção de

---

6.) A relação entre as mulheres e a cena punk aracajuana também é discutida no artigo "A resistência feminina através das agências estetizadas: reflexões sobre o movimento punk e o graffiti em Aracaju" (Barros & Galvão, 2023).

eventos, culminando em formas alternativas que buscam estabelecer outros entendimentos do fazer político. As perspectivas políticas do punk, através da expressão estética, como já posto acima, tensionam e confrontam posicionamentos hegemônicos em relação a diferentes pautas relacionadas ao consumo cultural e a temas políticos e econômicos que produzem exclusões, como as questões de desigualdade de gênero, de classe e de raça/etnia.

Portanto, é possível dizer que a cena punk em Aracaju se estabeleceu como um espaço de circulação de práticas artísticas, que se articulam a determinados valores ideológicos e a utilização da arte, da sociabilidade e do lazer como estilo de vida, como recurso político e como ferramenta de afirmação identitária, especialmente por agregar os modos de ser e de fazer de seus adeptos em torno de expressões éticas e estéticas compartilhadas.

Por fim, buscamos com este artigo ampliar o leque de discussões sobre as possibilidades de expressões urbanas e sobre outras cenas punks que, por se manifestarem em cidades periféricas na relação com centros urbanos maiores na escala global, não recebem destaque nas análises sociológicas, embora permitam percebermos algumas particularidades e regularidades importantes do fenômeno. Essas informações nos possibilitaram constatar, entre outras questões, que, mesmo apresentando diversas ramificações e mudanças no decorrer dos anos, o punk se constituiu e se constitui como uma forma de ver e responder tanto às dinâmicas sociopolíticas mais locais quanto às globais, sejam as do passado recente ou do presente, que ultrapassam o contexto das grandes metrópoles.

## Referências Bibliográficas

- Barros, Erna & Galvão, Leticia (2023). A resistência feminina através das agências estetizadas: reflexões sobre o movimento punk e o graffiti em Aracaju. *Revista TOMO*, 42, 1-20.
- Bittencourt, João (2022). *Sóbrios, firmes, e convictos: Uma etnografica dos straightedges em São Paulo*. São Paulo: Annablume.
- Bittencourt, João & Rocha Júnior, Epaminondas (2018). Música, ativismo e estilo de vida jovem nas tramas do Punk em Maceió/AL. *Teoria e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF*, 13(2), 238-256.
- Certeau, Michel de (2014). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Delgado, Manuel (2013). Artivismo y pospolítica. Sobre la estetización de las luchas sociales en contextos urbanos. *Quaderns-e. Institut Català d'Antropologia*, 18(2), 68-80.
- Ennes, Marcelo Alario & Marcon, Frank (2014). Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias*, 16(35), 274-305.
- Foracchi, Marialice (2018). *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Editora USP.
- Galvão, Leticia (2023). "A arma que eu tinha era fazer música": o movimento punk enquanto estilo de vida e expressão política em Aracaju. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Aracaju: Universidade Federal de Sergipe.
- Galvão, Leticia (2022). Continuidades e descontinuidades intergeracionais no movimento punk em Aracaju. *Anais do IV Seminário Nacional de Sociologia da UFS*. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17000/2/ContinuidadesMovimentoPunkAracaju.pdf>

- Guerra, Paula (2021). So Close Yet So Far: DIY Cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, 30 (2), 122-138
- Guerra, Paula (2019). Angels with dirty faces: punk, moda e iconoclastias contemporâneas. *dObra[s]*. Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda (Abepem), 12(26), 124-149.
- Guerra, Paula (2017). 'Just Can't Go to Sleep'. DIY cultures and alternative economies facing social theory. *Portuguese Journal of Social Sciences*, 16(3), 283-303.
- Guerra, Paula (2014). Punk, expectations, breaches and metamorphoses: Portugal, 1977-2012. *Critical Arts*, 28(1), 111-122.
- Guerra, Paula (2010). *A instável leveza do rock: gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Dissertação (Doutoramento em Sociologia). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Guerra, Paula & Straw, Will (2017). I wanna be your punk: o universo de possíveis do punk, do D.I.Y. e das culturas underground. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 5(1), 5-16.
- Guerra, Paula & Menezes, Pedro Martins de (2019). Dias de insurreição em busca do sublime: as cenas punk portuguesas e brasileiras. *Sociedade e Estado*, 34(2), 485-512.
- Guerra, Paula & Dabul, Lúcia (2022). A arte junta, constrói e desdobra-se. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 5(3), 4-9.
- Lipovetsky, Gilles & Serroy, Jean (2015). *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Longman, Gabriela & Viana, Diego (2010). Rancière: 'A política tem sempre uma dimensão estética'. *Revista Cult*. Consult. 30 mar. 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/>.
- Magnani, José Guilherme Cantor (2005). Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, 17(2), 173-205.
- Marcon, Frank (2018). Agências estetizadas, geração digital, ativismos e protestos no Brasil. *Ponto Urbe*, 23, 1-21.
- Marcon, Frank (2019). Agências estetizadas: Juventudes, mobilizações e ativismos em Angola. *Crítica e Sociedade*, 9(2), 191-208.
- Rancière, Jacques (2020). *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34.
- Silva, Williams S. (2011). *A galera da catedral: representações de um estilo de vida underground e lógicas de apropriação do espaço urbano*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Cristóvão: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.
- Silva, Williams S. (2020). *O uso dos espaços urbanos na construção, manutenção e legitimação de modos de vida desviantes*. Dissertação (Doutorado em Sociologia). São Cristóvão: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.
- Woodward, Kathryn (2014). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, Tomaz Tadeu da; Kathryn Woodward & Hall, Stuart (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Editora Vozes.

## Letícia Oliveira Feijão Galvão

Mestre e doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Participou do Laboratório de Estudos da Política e do Poder como bolsista de iniciação científica. Atua como pesquisadora colaboradora nos projetos de pesquisa sobre juventudes e políticas públicas e como membro do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. É assistente editorial da Revista TOMO e membro da Global Transformative Education Network. Avenida Marcelo Déda Chagas, s/n. E-mail: leticiaofg@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2833-9781.

## Frank Nilton Marcon

Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou Pós-Doutorado na Universitat Lleida na Espanha e no IUL/ISCTE em Portugal. É Professor Associado da área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe. Professor do Mestrado de Antropologia e do Mestrado e Doutorado em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Coordena o Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. É membro da Comissão Editorial e Editor Chefe da Revista Tomo. Membro da REAJ - Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis. Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal de Sergipe. Membro do Observatório da Democracia Universidade Federal de Sergipe. Avenida Marcelo Déda Chagas, s/n. E-mail: marconfrank@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-2195-6701.

Receção: 29-04-2023

Aprovação: 27-07-2023

## Citação:

Galvão, Letícia & Marcon, Frank (2023). Estética e política no movimento punk em Aracaju, Brasil. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 6(2), pp. 78-97. ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav6n2a5>



